




A UE convida a sociedade civil a participar no debate sobre a Europa

No passado dia 7 de Março, os primeiros-ministros sueco, Göran Persson (país que exerce este semestre a Presidência da UE), e belga, Guy Verhofstadt, o Presidente da Comissão Europeia, Romano Prodi, o vice-Presidente do Parlamento Europeu, David Martin, e Michael Barnier, comissário europeu responsável pela política regional e reforma institucional, participaram no lançamento do debate sobre o futuro da UE.

A Declaração respeitante ao futuro da União, subscrita pelos chefes de Estado e de Governo reunidos no Conselho Intergovernamental de Nice e inserida em anexo ao Tratado

de Nice, propõe o aprofundamento e alargamento do debate sobre o futuro da UE. Tendo em conta este objectivo, foi lançado o Website *Futurum* (<http://europa.eu.int/futurum>), que já revelou surpreendentes índices de adesão, o que mostra o real interesse dos cidadãos pelas questões europeias.

Este novo fórum deverá funcionar como um ponto de referência para todas as iniciativas relacionadas com o debate público, que se prolongará até 2004, envolvendo os círculos político, económico e académico, bem como a sociedade civil, a opinião pública dos Estados-membros e dos países candidatos à adesão, procurando desse modo reaproximar os cidadãos das instituições comunitárias e esclarecer as questões chave que se levantam ao projecto europeu em vésperas do processo de alargamento. 

MEDITERRÂNEO

Sharon regressa de Washington


O novo primeiro-ministro israelita, Ariel Sharon, regressou da sua primeira visita a Washington informando que há uma coincidência de pontos de vista com o Presidente Bush no que respeita ao modo como a paz com os palestinianos pode ser obtida. Os dois políticos creem que não poderá haver negociações sem primeiro ser posto fim à violência. Apesar disso, os EUA deram a entender que Israel deveria libertar os impostos que recolheu dos palestinianos para evitar o colapso financeiro da Autoridade Palestiniana, ao fim de seis meses de violência e isolamento. Israel respondeu inquirindo porque deveria ajudar aqueles que desejam mal ao seu povo.

O Presidente Bush – que aparentemente não teve qualquer problema em encontrar-se com um homem que muitos no Médio Oriente acham que devia ser rotulado de criminoso de guerra pela

sua responsabilidade nos massacres de Sabra e Chatila no início dos anos 80, durante a invasão israelita do Líbano – prometeu, uma vez mais, que os EUA reconheceriam Jerusalém como capital de Israel, mudando a sua embaixada para esta cidade. Embora esta tenha sido também uma promessa eleitoral, os assessores prontamente salientaram que não foi feita nenhuma calendarização e que qualquer medida para deslocar a embaixada – que envolverá uma grande disputa com as dezassete famílias em cuja terra esta será construída – fará parte das “negociações finais”.

Bush salientou também que os EUA não estão dispostos a desempenhar um papel activo na condução das negociações israelo-palestinianas, considerando que tal tarefa cabe exclusivamente às duas partes. Os EUA poderão facilitar iniciativas tomadas pelas partes, mas não tomarão iniciativas próprias. Com a dose certa de simbolismo, assim que Sharon partiu foi anun-



ciado que a CIA deixaria de tomar parte activa na coordenação dos mecanismos de segurança entre palestinianos e israelitas, como vinha a fazer até aqui. Isto agradou certamente a Sharon, que não quer qualquer interferência externa, mas deve ter preocupado o presidente palestiniano, que procura desesperadamente o apoio americano – Arafat continua a ser o único líder árabe que, até ao momento, não foi convidado a visitar Washington. 

ÁFRICA



Situação alimentar em África preocupa a ONU

O último relatório da FAO sobre a situação alimentar mundial alerta para o facto de 16 países da África Subsaariana registarem grande escassez de alimentos, quer devido a desastres naturais (caso da seca que tem afectado vários países da África Oriental ou das cheias em Moçambique), quer devido a conflitos armados que originam grande número de refugiados e deslocados internos, afectando de forma determinante a produção agrícola. Num seminário realizado de 20 a 23 de Março

em Harare foi referida a ligação entre as carências alimentares e a propagação do HIV/SIDA, recomendando-se que os governos africanos integrem estas preocupações nos respectivos planos nacionais. Estima-se que em 2010 cerca de 300 milhões de pessoas em África sofram de má-nutrição. ■

Tropas ruandesas começam a retirar da RDC

O processo de retirada das tropas ruandesas da zona ocupada na

República Democrática do Congo começou lentamente a ser posto em prática, conforme previsto nos Acordos de Lusaka, assinados em Julho de 1999. O diálogo inter-congolês, também previsto nos Acordos, parece agora ter condições para ser desenvolvido, uma vez que o novo Presidente da RDC acabou por aceitar o antigo Presidente do Botswana, K. Masire, como facilitador, restaurando assim as condições para que os partidos da oposição e as organizações da sociedade civil possam concertar posições relativamente ao futuro deste gigante da África Central. ■



ÁSIA

Japão

O Japão vive tempos conturbados com a queda de popularidade da sua principal força política – o Partido Liberal Democrata (PLD) – e do primeiro-ministro, Yoshito Mori. Embora sem uma declaração formal de demissão, Mori decidiu antecipar as eleições para a presidência do partido, sabendo à partida que o seu sucessor à frente do PLD será o próximo primeiro-ministro. A batalha pelo lugar está renhida, com vários candidatos que representam diferentes facções dentro do partido. Perdas no meio da crise de sucessão de Mori ficaram a aprovação do orçamento de Estado e das reformas estruturais, que foram alvo de morno debate. Com a aprovação do orçamento, Mori enfrenta agora a possibilidade de uma moção de censura ao seu desempenho como chefe de Governo. ■

Coreia do Sul

Em resposta ao crescente descontentamento popular com o Executivo, o Presidente da Coreia do Sul, Kim Dae-jung, procedeu a uma remodelação governamental, demitindo 9 dos 22 ministros. Entre as demissões mais proeminentes destaca-se a do ministro dos Negócios Estrangeiros, Lee Joung-binn, que tinha a seu cargo o delicado processo de reaproximação à Coreia do Norte. Lim Dong-won, o chefe dos serviços secretos, foi escolhido para liderar o Ministério da Unificação, que trata das relações com a Coreia do Norte, num sinal de que esta continua a ser uma área prioritária para o Governo. Foram também já nomeados os substitutos dos ministros da Defesa, do Comércio e Indústria, e das Obras Públicas e Transportes. ■

EUROPA

Mónica Santos

MEDITERRÂNEO

George Joffé

ÁFRICA

Patrícia Magalhães Ferreira

ÁSIA

Cláudia Pedra